

ser interpretados como se executasse o sujeito algum acto reversivamente sobre a propria individualidade. *Espantei-me, enganei-me, convenci-me, enfadei-me, aborreci-me, zanguei-me*, só podem equivaler a «fiquei espantado, enganado, convencido, enfadado, zangado, aborrecido». A forma reflexa vem aqui dizer que o mesmo effeito que o sujeito, como agente, produz em outros individuos, se produziu inversamente nelle por uma causa qualquer do mundo exterior. Estes verbos conjugados pronominalmente têm de commum com uma serie de verbos intransitivos essencialmente pronominaes, o significarem sentimento. Por outras palavras para expressar o sentir zanga, medo, vergonha, piedade, arrependimento, etc. soccorre-se a linguagem de verbos pronominaes, ora de um typo, ora do outro: *angustiar-se, enfurecer-se, envergonhar-se, arrepender-se, amedrontar-se, espantar-se, passar-se, enthusiasmar-se, apaixonar-se, apiedar-se, amercear-se, condoer-se, commiserar-se, enganar-se, zangar-se, irar-se, impacientar-se, compadecer-se, vexar-se, aborrecer-se, enfastiar-se* etc.

O estado d'alma pode despertar impulsos, e assim o sentimento virá a manifestar-se exteriormente por alguma actividade. Verbos pronominaes, neste caso, têm significação activa, denotando o pronome reflexivo a pessoa vivamente affectada. Taes são: *gloriar-se, vangloriar-se, jactar-se, ufanar-se, gabar-se, atrever-se, lamentar-se, queixar-se, obstinar-se, lastimar-se, desabafar-se* etc.

Não é comtudo verdadeira a reciproca desta regra. A linguagem tem caprichos. Dizemos *atrever-se*, ao passo que o seu synonymo *ousar* se usa sempre na forma activa.

Actos materiaes, em geral movimentos, que o sujeito executa em sua propria pessoa iguaes aos que executa em cousas ou em outras pessoas, ou de que resulta effeito identico ao dest'outros actos, dizem-se dando aos respectivos verbos transitivos a forma reflexa: *levantar-se, sentar-se, deitar-se, atirar-se, arremessar-se, dirigir-se, encaminhar-se, acolher-se, arredar-se, vestir-se, despir-se, ajoelhar-se, alçar-se, erguer-se, coçar-se, pentear-se, abaixar-se, preparar-se, afastar-se, apartar-se* etc.

Verbos desta especie dispensam por vezes o pro-

nome, como *mudar* ou *mudar-se* (para outro lugar), *ajoelhar* ou *ajoelhar-se*. Dos seguintes exemplos colligimos que, em dialogos, certos verbos podem repetir-se omitindo emtanto o pronome reflexivo:

VILHALP. I: Não tẽ queres calar; *recolhamo-nos*. PAJE: *Recolhamos*, que enfim sempre ouvi dizer que melhor era o meu que o nosso. (Sã de Mir., 2, 266) — Disse o peregrino: *assentemo-nos* ao longo desta fresca ribeira... *Assentemos*, disse o religioso (H. Pinto, I, 86) — *Ergamo-nos* e caminemos [disse o peregrino] ...*Ergamos*, disse o religioso, e caminemos. (ib. 1, 140) — E porque isto he noite, *recolhamo-nos* para o lugar que daqui está parecendo logo alem desta ribeira (disse o portuguez). *Recolhamos*, disse o italiano, pois se nos encubriu de todo a clara luz do sol (ib. 1, 398) — Como (disse Antonio) nam *se chama* v. m. Joam d'Eyro? Si *chamo* (respondeo elle...) (Luc. 1, 363) — Ou nós não entendemos que cousa he justiça, ou nesta sentença *se encerra* algum mysterio? Sim, *encerra*, e muito grande (Bern. N. Flor. 3, 200).

Os actos expressos pelos verbos na forma reflexa referem-se, uns unicamente a pessoas, outros a pessoas ou a animaes, outros a entes animados ou inanimados, outros, finalmente, só a entes inanimados. Merece, alem disso, attenção a linguagem figurada, em que nos referimos a plantas e a seres inertes como se fossem dotados de vida animal e executassem movimentos proprios de homens e animaes. Neste exemplo de Herculano *o rio cobre-se com o seu manto de nevoas*, o sujeito *rio* está personificado, e o verbo tem rigorosamente o mesmo sentido que teria se falassemos de um rei que se cobre com o seu manto de arminho. Nem menos audaciosa se revela a imaginação nest'outra frase *a palmeira ergue-se activa*, onde se troca um verbo de situação vulgar por outro de movimento para produzir a impressão de altura grandiosa.

Nas frases seguintes e em outras do mesmo genero, em que o verbo, tomado na accepção propria, tem para sujeito um nome de cousa, a voz medial significa que a acção se executa por si mesma no objecto de que se fala:

O predio incendiou-se, a vida extinguiu-se, a luz apagou-se, a agua congelou-se, o gelo derreteu-se, o leite estragou-se, a arvore desfolhou-se, o veu rasgou-se, o vestido descoseu-se, a nuven desfez-se, a parede fendeu-se, a epidemia alastrou-se, a taboa despregou-se, o ro-

chedo despenhou-se, o galho bifurca-se, a flor abriu-se, o tronco partiu-se, a agua sumiu-se, o navio perdeu-se, a retina descolou-se, a pupilla dilatou-se, a ferida abriu-se.

E' como se dissessemos *ficou incendiado, ficou extinta, apagada, congelada, etc.*

Nestas frases os verbos na forma medial denotam actos espontaneos, sem agente ou causa apparente. A linguagem, aproveitando-se desta facilidade, torna o mesmo processo extensivo a casos de outra especie e trata como se espontaneos fossem actos emanados de agente que não se quer ou não se sabe mencionar. Tal é a origem de *vendem-se casas, alugam-se quartos, alarga-se a rua, desbarata-se a fortuna, etc.* Mas aqui, sendo latente a noção do agente humano, costuma-se collocar o substantivo no lugar que compete ao objecto directo, isto é, depois do verbo. Algumas vezes basta trocar a ordem das palavras para alterar o sentido, como em *estraga-se a roupa e a roupa estraga-se*. E vai-se mais longe. Como se tem em mente o conceito de alguém como agente, como sujeito psychologico, não se põe dúvida em dar ao substantivo caracteres proprios de objecto e se usa o pronome *se* até com verbos intransitivos:

1. Um paço onde *se serve a Deus* he um deserto edificado (Vieira, Serm. 5, 538) — Olhos com que *se vê a Deus* (ib. 5, 372) — *Louva-se ao Deus Termino* (Castilho, Fast. 1, 149) — Por tudo isto *se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se* (Castilho, Excerptos de Bern. 2, 285).

2. E' fraquza *desistir-se da cousa* começada (Cam., Lus. 1, 40) — *Não se procede* mais na demanda (Barr., Dec. 1, 10, 2) — Na cruz *morre-se* huma só vez, no Sacramento *morre-se* cada dia (Vieira, Serm. 5, 560) — *Andava-se* de porta a porta não menos que em tres dias de caminho (ib. 5, 13) — *Creia-se* em cousas (Castilho, Fast. 1, 157) — *Acode-se* em tropel (ib. 1, 49) — *Trata-se* de salvar o imperio (Herc., Eur. 74) — *Vive-se* á luz da esperanza (ib. 135).

➤ Dos verbos intransitivos usados de ordinario na forma activa, admittem alguns occasionalmente a forma medial, accrescentando o pronome reflexivo algum conceito novo ao verbo ou exprimindo elle a acção mais energeticamente. *Elle ficou-se com a fortuna* significa que o sujeito ficou com a fortuna definitivamente para si, ou que a tomou a outrem sem intenção de a restituir; ao passo que em *elle ficou com a fortuna* o verbo tem

sentido mais vago, equivalendo por ventura simplesmente a «coube-lhe em sorte a fortuna». Ao verbo *ir*, que na forma activa denota locomoção no sentido geral, damos a forma *ir-se* quando o acto é definitivo, ou violento ou equivale a desaparecimento. Assim distinguimos *Antonio foi para o mato*, *Antonio foi-se para o mato* e *o dinheiro foi-se*.

Por estes exemplos vê-se que, sendo o sujeito um ente animado, o pronome reflexivo mostra que elle é vivamente interessado no acto que executa. O interesse consiste ás vezes na satisfação de um impulso, mostrando-se o sujeito despreocupado do mundo exterior. Tal é a causa do emprêgo do verbo medial nestes passos:

E assim por esta razão, que por si só bastava, como pelo pouco gosto com que ali sou visto dos que assistem mais de perto, *estou-me* na minha cella (Vieira, Cartas 2, 158) — Porem Elias... *Estava-se* no seu paraíso, em summa quietação, em summo socego, em summa felicidade (Vieira, Serm. 1, 1112) — Eu *me vou* passando as ferias em Villa Franca, onde alternativamente vai tendo seus oito dias toda a nossa universidade (Vieira, Cartas 1, 229) — Os peixes pelo contrario lá *se vivem* nos seus mares e rios, lá *se mergulham* nas suas grutas, e não ha nenhũ tão grande que se fie do homem (Vieira, Serm. 2, 315).

As formas *partir-se*, *subir-se* e *descer-se*, de uso frequente em portuguez antigo e na linguagem da Renascença, differiam de *partir*, *subir* e *descer* em alliaem ao conceito de locomoção o de resolução firme ou de movimento brusco. *Partir-se* emprega-se, alem disso, tambem como synonymo de «apartar-se, separar-se»:

Fazem que se atreva Fernão Velloso a hir ver da terra o trato e *partir-se* co elles pelo mato (Cam., Lus. 5, 30) — Já da real presença veneranda *se parte* o capitão pera onde peça... embarcação (ib. 8, 78) — Co elle *parte* ao caes (ib. 8, 79) — Diz que lho daria embarcação bastante em que *partisse* (ib. 8, 80) — Não *parte* o Gama em fim, que lho defende o regedor (ib. 8, 84) — Do porto amado *nos partimos* (ib. 5, 1) — Começa a embandeirar-se toda a armada... por receber com festas e alegria o regedor das ilhas que *partia*. *Partia*, alegremente navegando, a ver as naos ligeiras lusitanas (ib. 1, 60) — Isto disse, e nas aguas se escondia o filho de Latona; e o mensageiro co'a embaxada alegre *se partia* pera a frota no seu batel ligeiro (ib. 2, 89) — Antes de *me partir* para o Brasil (Vieira, Cartas 2, 221) — Estes navios *se partem* tão arrebatadamente como quem vai fugindo á morte (Vieira, Serm. 2, 277) — Põe-se a cavallo, *parte-se*

para sua casa (ib. 5, 520) — Na terra cautamente apparelhavam armas e munições, que, como vissem que no rio as naos ancoravam, nellas ousadamente se subissem (Cam., Lus. 2, 17) — Começou a chover o diluvio de Noé... *subiram-se* os homens aos quartos altos... *subiram-se* aos telhados... *subiram-se* ás torres... *subiram-se* aos montes... Postos neste estado, os homens já não tinham para onde *subir* (Vieira, Serm. 3, 293) — *Dece-se* [o rey] do trono real em que se assentavam sempre os reys, conforme o costume daquelles tempos: rasga a purpura, veste-se de hum aspero cilicio (ib. 5, 145) — A mayor fineza que fez por nós aquelle incomparavel espirito, para desenganar e remedio do reyno, foy *decer-se* da magestade á alteza (ib. 13, 57).

De *rir* e *sorrir*, na forma activa, diversificam *rir-se* e *sorrir-se* em vir o riso ou sorriso acompanhado de um sentimento intimo de zombaria, gracejo, contradição, descaso ou descrença. A frase *nesta casa tudo ri* significa a pura manifestação da alegria. Troque-se *ri* em *ri-se*, e entenderemos que a alegria vem com malicia. Empregase, comtudo, ás vezes a forma activa onde conviria a forma medial. Cotejem-se os exemplos:

Disse então a Velloso hum companheiro — começando-se todos a *sorrir*: «Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro he melhor de *decer* que de *subir*». (Cam., Lus. 5, 35) — Que tarantula tomou a esse doudarraz de Minos, que *ri* ás gargalhadas? (Fil. Elysio, 19, 247) — Tam bem são nella [tragedia Astrate] manejadas as paixões que os espectadores ás gargalhadas *riem* desde o principio da tragedia até ao fim (ib. 19, 265) — E *ria-se* com a mesma alma e a mesma intelligencia, da galhofa de Gil Vicente que os herejes como Erasmo admiravam e applaudiam (C. Castello Branco, Boh. do Esp. 283) — E a cõrte de D. João 3.º, o Inquisidor, a *rir* ás escancaras (ib. 284) — Mas onde está a thaumaturga, que fez o milagre de converter este celibatario emerito, que eu conheci em Lisboa a *rir-se* do casamento? (Din. Morg. 2, 200) — Com grande espanto meu, ella olhava-me de longe *sorrindo* e na apparencia decidida a dirigir-me a palavra (Din. Ser. da Prov. 138) — *Rindo-se* das suas proprias fanhanhas (ib. 150) — *Sorri-me* á observação e continuei (ib. 156) — Se, pelo contrario, alguma cousa acontecia, que fizesse *sorrir* o filho — se as caricias lhe estancavam as lagrimas, olhava-o, esperando quasi vel-o *sorrir* tambem (ib. 168) — Dei a entender isto mesmo a Thomaz, elle *sorriu* (ib. 188) — Com o tempo falaremos [disse]. E *riu-se* (ib. 194) — *Sorri-me* da ingenuidade da confissão (ib. 196) — Apresentou-me logo á mão, que, ao cumprimentar-me, *sorriu* e me fez signal de não falar a Thomaz na carta que eu recebera della (ib. 198) — Cada qual no gabinete lê uma obra de duvidosa moralidade; *ri-se*, diverte-se com a leitura (ib. 226).

Lembrar (a alguém alguma cousa) é verbo causativo. Diz o mesmo que «fazer alguém lembrar-se»,

«suggerir a lembrança», como em *lembrei-lhe a promessa que me fizera*. Nem sempre a causa determinante é, como neste exemplo, um agente pessoal; a memoria tambem pode ser despertada por uma cousa, um facto qualquer. Às vezes as imagens do passado acodem ao espirito como que espontaneas, sem causa apparente. Para todos estes casos costumam os escriptores portuguezes, sobretudo os modernos, utilizar-se do verbo *lembrar* na forma activa, reservando a forma medial *lembrar-se* de preferencia para o despertar de idéas resultante do esforço proprio de meditar e em harmonia com elle. No Brasil não é uso distinguir tanto. Dizemos *lembrar* quando o agente é pessoal, como no exemplo acima, e para o mais serve-nos perfeitamente *lembrar-se* «de alguma cousa» ou «de alguém». Trechos de autores lusitanos:

Lembra-me acerca do entranhavel medo que esta gente tem, uma historia muitas vezes repetida e celebrada dos Mouros (Mend., Journ. de Afr. 2, 10) — *Lembra-me* que fui um dia a um carcere destes visitar um cativo, onde vi hum judeu mui bem disposto e membrudo (ib. 2, 12) — Comtudo lhe pediram que *se lembrasse* do que os soldados daqui pretendiam (F. M. Pinto, 3, 160) — E passando eu no caminho pela porta Appia... vendo muytos pedaços de edificios antigos... *me lembrou* que lera em Fulvio... que aquelle era o lugar... E tambem *me lembrou* que lera isto em S. Augustinho (H. Pinto, 1, 282) — Mas quando pensava que seria padre, *lembravam-lhe* aquelles que tantas vezes vira em casa da Sra. Marqueza (E. de Queiroz, Padre Am. 29) — Amaro foi para o seu quarto, começou a rezar o Breviario, mas estava fatigado, vinham-lhe distrações, *lembravam-lhe* as figuras das velhas, os dentes podres de Arthur, sobretudo o perfil de Amelia (ib. 69) — Diante della, ao pé della, quando a via, não *lhe lembrava* que elle era — o padre Amaro, parcho da Sé (ib. 98) — Adeus, mãe, adeus. Pense em mim e *lembre-se de...* Paulina (Din. Ser. 181) — E qual é a mãe que *se não lembra* de seus filhos? (ib.).

O contrario de *lembrar-se* é naturalmente *esquecer-se*. A par desta forma medial possuímos, para casos especiaes, a forma activa *esquecer*, usada ora como verbo pessoal, ora como verbo impessoal com o dativo do nome da pessoa a quem a memoria falha. Com esta ultima linguagem se assignala que alguma lembrança não acode de pronto ou no momento opportuno; ao passo que *esquecer* uma pessoa a outrem, esquecer cousas, actos ou sentimentos que occupavam a attenção, é cessar de

pensar, de dirigir a atenção em tal sentido, e pode equivaler a «desprezar», «não fazer caso».

Postas estas diferenças geraes como pontos culminantes, cumpre todavia advertir que na pratica podem apparecer apagadas as fronteiras entre as tres maneiras de dizer. Assim, falando de algum objecto que, por desatenção e contrariamente ao desejo, se deixa de levar a outro sitio, emprega Din. Ser. da Prov. 155 o verbo na activa: *Thomaz esqueceu isso um dia de manhã sobre a mesa*, o que é differente de *esquecer estudos*. Outras vezes, onde podia estar *esquecer alguma coisa a alguém*, escreve-se de preferencia *esquecer-se alguém de alguma coisa*. Esta linguagem é a mais usada no Brasil.

Exemplos portuguezes com os tres typos de linguagem:

Aquella sombra, ou antes aquelle corpo... afastou-se alguns passos e voltou-se de novo, passando em revista todas as janelas com escrupulosa attenção; porem *esquecendo-se* neste exame exactamente da unica que o havia trahido (Din. Serm. da Prov. 133) — E assim eu me deixava então enlevar pela reminiscencia das passadas scenas, que tão profundamente me fazia *esquecer* tristezas e alegrias presentes (ib. 136) — Talvez que essa idéa *esquecesse* (ib. 144) — Respondi ao abbade, que me havia dirigido não sei que pergunta que por insignificante *me esqueceu* (ib. 157) — O medico e o abbade *esqueceram* por um pouco a reciproca antipathia (ib. 163) — *Esquecer Thomaz!* (ib. 176) — *la-me esquecendo* participar-lhe que me formei em medicina (ib. 186) — E *esquecendo* toda a etiqueta, levantou-o ao ar como lhe fazia em criança (ib. 190) — E *esquecendo* até o habitual laconismo (ib. 193) — Agostinho *esquecera-se* de comer (ib. 235) — Ao ouvir estas palavras, Augusto *esqueceu* toda a hesitação (Din. Morg. 2, 256) — Não *lhe* podiam *esquecer* as claras eiras (E. de Queiroz, Am. 32) — Às vezes mesmo *esquecia-se* de marcar (ib. 68) — Se ás vezes ao deitar *lhe esquecia* uma Salve Rainha, fazia penitencia no outro dia (ib. 74) — E não podia *esquecer* aquelles beijos de noite no pinheiral serrado (ib. 85) — Resolvia então *esquecel-a* (ib. 104) — Veja lá, não *lhe esqueça* alguma coisa, sr. parochó (ib. 137) — *Tel-a-ia esquecido?* (ib. 146) — Desejou *esquecel-o* [ao padre Amaro] (ib.).

Adverbios:

especies, formas e significação

O adverbio é um vocabulo determinativo do verbo, do adjectivo ou de outro adverbio. Acrescenta a estas outras palavras o conceito de tempo, lugar, modo, etc. que lhes delimita ou esclarece o sentido, sem comtudo exercer, como o accusativo, o dativo e o objecto indirecto circumstantial (veja pag. 184), função puramente complementar.

Dos adverbios latinos, originados, na maior parte, de nomes ou pronomes, poucos passaram ás linguas romanicas. Enriqueceram-se estas todavia com algumas formações desconhecidas do latim literario, com varias creações novas e, em especial, com os adverbios em *-mente* que se tiram de adjectivos. Esta terminação nada mais é do que o ablativo do lat. *mens*, v. g. em *bona mente*. Por algumas locuções deste typo se modelaram outras muitas, acabando por obliterar-se a significação primitiva do substantivo e passando este a valer tanto como um suffixo derivativo.

Innumeraveis são as locuções adverbias resultantes da combinação de preposições com substantivos. Diferem dos adverbios propriamente ditos apenas por serem frases mais ou menos longas. Na pratica muitas vezes se lhes applica, por commodidade, o nome de adverbios. *Com prudencia, com energia, com brandura*, etc. equivalem a *prudentemente, energicamente, brandamente*, etc.

Por este processo de combinar preposições com substantivos se crearam *acima, em cima, por cima, em baixo, debaixo, para baixo, á força, por força, de pressa, com pressa, de dia, de noite, de manhan, á manhan, apenas, a gran-*

des penas (port. ant.), *de coração, de maravilha, de graça, a fio, sem duvida, por um triz, ás rebatinhas, em silencio, de corrida, no mesmo ponto, de vagar, com effeito, em verdade, a caso* (port. hod. *por acaso*), *de nenhum modo, de proposito, de industria, de caso pensado, dest' arte, desta maneira, por ventura, emfim, por fim, a giros, etc.* Escreve-se hoje ligado *arriba* (em vez de *a riba*), *acima, debaixo, emfim.*

Em algumas locuções fica subentendido o substantivo (*maneiras, maneira, moda, modo, etc.*): *ás occultas, á ingleza, á franceza, ás direitas, ás boas, ás claras, ás cegas, ao natural, etc.*

Algumas vezes, por analogia de outros adverbios, antepoz-se preposição a adverbio preexistente: *de subito* (a par de *subito*), *de repente, de certo.*

Da combinação, em periodo romanico, de preposições com outras preposições ou com adverbios procedem: *depois* < *de pos* (*de post*), *de ante, de tras* (*de trans*), *ácerca, dentro* (*de intro*), *então* (*intunc*), *assaz* (*ad satis*).

Dividem-se os adverbios segundo a sua significação em adverbios de tempo, de lugar, de modo, de negação, affirmação, de duvida, de quantidade, de ordem. Muitos dentre elles exprimem condições e circumstancias de character determinado; outros denotam conceitos capazes de augmento ou diminuição. Estes ultimos são, como os adjectivos, susceptiveis de graus de comparação.

Faremos em seguida o historico de alguns adverbios.

Adverbios pronominaes — Originaram-se os nossos adverbios *aqui, cá e lá* das formas ablativas *hic, hac* do pronome demonstrativo latino agglutinadas a outras palavras (*eccu(m), ill(e)*). *Ahi*, outrora *hi* ou *i* ainda que pareça filiar-se a *ibi*, é provavelmente o proprio vocabulo *hi(e)* com função adverbial. *Ali* procede de *illic*. Poderíamos, pois, attendendo á etymologia, classificar as formas portuguezas como adverbios pronominaes.

Alem das formas *cá e lá*, occorrem em port. ant. *acá e allá* com a variante *allóy* e, como estas têm sentido directivo, deve-se concluir que se trata aqui da junção da preposição *a* áquellas antigas formas:

Nunca ouvemos tal tempo pera fazer a vontade de aquelle que nos *aqua* enviou (S. Josaph. 32) — Temerõ-se de nõ ir elrei *allo*

aaquella festa (ib. 30) — Pois di-me, filho muito amado, como veste *acá* e que se fez de ti depois que me de ti parti (ib. 44) — El-rei Barachias foi-se logo *alla* cõ muita gente (ib. 48) — Logo foy *alla* apos elles (S. Graal, 7) — A menos de el Rei *allo* hir com seu poder (F. Lopes, D. J. 130) — Foi Nun Alvarez *alla* por fallar ao Meestre (ib. 362) — Foi *alla* muita gente pera esto (ib. 316).

O moderno *ahi* adquiriu a inicial *a* por influencia de *aqui* e *ali*. Em escriptores quinhentistas ainda se encontra a cada passo o adverbio sem a vogal prothetica. Por esta mesma epoca vogava o emprego do dito adverbio na expressão *hi aver* com significação identica ao francez *y avoir*, não sendo porem obrigatorio em portuguez o emprego da particula. Assim, a par de frases com o verbo existencial simples, apparecem exemplos como os que se seguem:

Elles movem-se com dizerem que he verdade que não *ha i* verdade. Se *hi* não *ha* verdade, logo elles nã na dizem (H. Pinto, 2, 62) — [Alexandre] ouvindo dizer a Anaxarcho que *avia hi* muytos mundos, se pos a chorar (ib. 2, 68) — *Averá hi* sinaes no sol, e na lua, e nas estrellas (ib. 2, 169) — Onde *ha i* sol, *ha i* sombra (ib. 2, 592) — Onde *ha i* muyto beber, não *ha i* segredo (ib. 2, 613).

U (hu), onde, donde, aonde — Para denotar o lugar de presença, e o lugar de procedencia, serviram á linguagem antiga os adverbios *u* (lat. *ubi*), tambem graphado *hu*, e *onde* (lat. *unde*), podendo ambos fazer as vezes de pronome relativo:

Perguntou... que lhe dissesse, *hu* era o escudo, *onde* [=de que] tanto fallavam pella terra (S. Graal 33) — Soo aquella aruor sta ho muymento, *honde* saae a voz (ib. 41) — Aquel cavalleiro *honde* [=de quem] me vos fallastes (ib. 83) — E perguntou-os *honde* [=de que lugar] eram (ib. 84) — O lugar *u* pousava (S. Josaph. 15) — *U* he aquel enganador (ib. 20) — Mostra-nos a casa *u* mora (ib.).

Como porem a noção de procedencia se indicava em geral pela preposição *de*, creou a analogia o pleonasmio *donde*, o qual já em bem antigos documentos occorre ao lado da forma primitiva e com a mesma accepção. No Santo Graal lê-se:

Ataa que sayba *donde* saae estas vozes [a par de: quem soubesse *honde* estas vozes saae (59); contou-lhe *donde* era (36); *donde* veeo ho scudo (35)].

A vulgarisação de *donde*, tão expressivo para denotar procedencia, deu lugar a crer-se que o mesmo vocabulo, desprovido da característica particula *de*, era tão sómente o synonymo do adverbio *u*. A esta modificação semantica precedeu naturalmente um periodo de confusão, de que dão eloquente testemunho estes passos do Livro de Êsopo:

Pol-a [a linha] darredor da arvor *domde* a aguya tijha sseus filhos (19) — Chegou a rraposa ao pee da arvor *omde* a aguya tijha sseus filhos (18) — Levou-hos a hñu ninho *hu* estavam sseus filhos (18).

Superfluo pareceu afinal o adverbio *u*, e fadado a desaparecer. Na segunda phase do port. ant. vai escasseando o seu emprego, até tornar-se raridade na linguagem quinhentista e seiscentista, onde se nos depara combinado com o artigo sob a forma interrogativa *ulo* (significando «onde é o», «onde está o») e, até, *adullo* por influencia do superfetado *adonde*, de que adiante falaremos:

E *ulas* cavallarias que tendes para me levar (G. Vic. 3, 46) — Onde está o entendimento? *Ulo* ser e autoridade de fidalgo? (Sousa, Arceb. 1, 433) — *Adullo* o teu malvaisco, Britez filha, e o solimão? (Mello, Fid. Apr. 25) — Pois *adullos* mariolas? (ib. 52).

Ulo podia vir seguido de um demonstrativo como em G. Vic., 3, 67: *Hulos esses namorados?*

Cedido o posto do antigo adverbio ao vocabulo *onde*, nem por isso se mostram d'ahi por diante convencidos os escriptores de que o termo sem algum reforço preposicional basta sempre para indicar o que o lat. *ubi* indicava; e assim *aonde* e *donde*, só ou augmentado em *adonde*, passam a usar-se tambem como synonymos de *onde*.

Exemplos quinhentistas:

Poderia passar a gente nos bateis das naos a outra banda do rio, *donde* a fortaleza está situada (Mend., Jorn. de Afr. 1, 40) — Na casa *donde* estes homens estavam com o capitão (ib. 1, 98) — Tornando ás tendas *donde* passámos a noite (ib. 1, 99) — *Donde* estará ella agora? (J. Ferr., Ulys. 357) — Verás a ultima terra *adonde* viviam tres irmãs (Castr., Ul. 7, 71) — Num aposento *adonde* repousando em alto

sono a Gorgoris achava (ib. 8, 13) — Undoso leito, *donde* repousava o mar (ib. 1, 30).

Exemplos seiscentistas :

Nem o será nunca *aonde* a ley e a religião não for a mesma (Vieira, Serm. 8, 486) — Isto acontece *aonde* falta a resolução (ib. 8, 486) — E logo me ausentey daquelle lugar para este *aonde* agora me vedes (Bern., N. Flor. 2, 75).

Abundantes exemplos de *aonde* por *onde* encontram-se em Vieira, Serm. 14, 130-131 :

Roma, *aonde* os exemplos de todo o genero de virtudes são tantos... em outras cidades e côrtes do seculo, *aonde* o costume dos vicios se fez ley — No inferno, *aonde* todos são maus, nenhum se envergonha dos outros — Porque ha de envergonhar-se hum demônio, *aonde* todos são demônios, e hum condenado *aonde* todos são condenados? — *Aonde* a cobiça... se tem por fortuna, e se inveja, quem se envergonhará de ser aváro? — *Aonde* a maior arte he o engano... quem se envergonhará de mentir?

Exemplos setecentistas :

Por saber *donde* habite, ou quem seja ella, seguiu, voando, os passos da donzella (Durão, Caram. 4, 7) — Nem cuido que outro [terreno] visses mais ameno, nem *donde* com mais gosto a gente viva (ib. 6, 176) — E na escura caverna, *adonde* Jove [outro espirito] espalha a luz tremenda (ib. 1, 10).

Donde e *adonde* foram usados tambem com significação directiva :

Leva-me *adonde* reynas (Bern., L. C. 500) — Levanta o coração *adonde* és chamado para a eternidade (Bern., N. Flor. 2, 75) — Sobre até *donde* quer (Mello, Ap. Dial. 272) — São como mercadorias, que segundo a parte *donde* [= para onde] se encaminhão, valem ou não valem (ib. 272).

Muito dignos de ser notados são estes passos de Mello, Ap. Dial. :

FONTE V. Emfim, *donde* [= para onde] o levão agora?

SOLD. A deytallo no mar como cisco, ao que suspeito (272) — *Donde* [= onde] os não houve? (279) — AUTH. *Aonde* [= onde] forza ha, direito se perde. — BOCALINO. E ás vezes *onde* não ha forza (299).

Do dialogo á pag. 8 do Fidalgo Aprendiz, do mesmo autor, conclue-se que *donde são?* equivale a *unde sunt* e *donde estão?* a *ubi sunt*.

Apesar de todos estes exemplos e outros que deixamos de mencionar, prevaleceu a doutrina de considerar taes casos como applicação secundaria ou impropria dos adverbios *onde*, *donde* e *aonde*, cabendo-lhes expressar respectivamente a noção locativa, a de procedencia e a directiva. O port. literario hodierno cinge-se a esta regra e não toma para modelo exemplo classico que, por ventura, della se afaste.

Porende, porém — Filiados ao adverbio latino *proinde* e respectiva forma abreviada *proin*, usam-se na antiga lingua portugueza, *porende* e *porém*, tendo ambos o sentido de «por isso»:

E vay-se tam toste que o nom poderedes já oje acalçar. E *porende* vos louvaria de ficardes (S. Graal, 116) — Comendo do fruito que lhe elle defendera, e *porẽ* foi tirado e lançado do paraiso terreal (S. Josaph. 10) — Quando elrei esto ouviu, sospeitou que algũa sanha ouvera delle o infante, e que *porẽ* se partira delle (ib. 18) — Destruio pois *porende* o castello (S. Graal, 90) — Me parecem poucos; *por emde* tornei pera me dardes mais vassalos (F. Lopes, D. J. 17) — [O Meestre disse] que nom compria a seu serviço de se desavirem a tall tempo: e que *porem* lhe rrogava que em tall sazom nom ouvesse com eilles desaveemça (ib. 361).

Deu o uso geral a preferencia ao termo mais curto, de modo que *porende*, cada vez mais raro, acabou por extinguir-se, ficando desconhecido do port. mod. Mas a palavra *porém* não penetrou na linguagem da Renascença sem uma notavel transformação semantica. Em vez de significar «por isso», «por essa razão», passa a dizer o mesmo que «mas», «apesar disso», «comtudo». Deixa de expressar a noção de causa determinante de certo acto, para denotar opposição de idéas ou pen-samentos. O primitivo adverbio transmuda-se em conjunção adversativa.

Ponto de contacto entre situações tão diversas está nas frases negativas, e foi naturalmente por ellas que principiou a transição semantica. Cotejem-se com a linguagem antiga certos passos do falar moderno, nos quaes, sem prejudicar o sentido, se poderia substituir *não porém* por *não por isso*, ou *nem por isso*:

Forom feridos... *nom porem* de perigosas feridas (Zur. Guiné, 452) — E ainda que quando o levaram diante del-rei desmaiou, *não*

desfalleceu *porem* em sua firmeza, mas foi hum natural pejo (Mend. Journ. de Afr. 2, 129) — A corda quebrou outra vez, parece que com piedade, mas *não* quebraram *porem* os duros animos dos crueis algozes, antes com gram presteza foram buscar a um poço outra (ib. 2, 122).

A origem adverbial de *porem* dá a razão da possibilidade de collocar-se esta palavra no meio e, até, no fim da oração, lugar improprio das conjunções:

O forte Baçaim se lhe dará, não sem sangue *porem* (Cam., Lus. 10, 61) — Dizem. Eu não o creio *porem* (Garr., Viag. 1, 68) — O floreo nome não te engane *porem* (Castilho, Fast. I, 93).

Operada a alteração semantica, só pela lei de inercia se explica o continuarem os quinhentistas a empregar as linguagens e *porem*, mas *porem* nas orações adversativas. Leitores modernos dos Lusíadas attribuiram a segunda expressão a liberdade poetica, deslize ou cousa que o valha. Sem razão; ella occorre mui frequentemente em João de Barros e outros e, até, em Fernão d'Oliveira. São deste grammatico os exemplos seguintes:

Desta letra *q* parece Quintiliano duvidar... a quem segue Diomedes, *mas porem* Marçiano diz outra cousa, e comtudo os latinos aperfiem consigo (40) — *Mas porem* para saber todas estas cousas require-se ler e ver muyto (66) — *Mas porem* podemos saber (70) — *Mas porem* se achassemos hũa cousa nova (83) — *Mas porem* dos nossos e tirados ha hi alghũs que não seguem a regra que demos (98) — *Mas porem* dos verbaes... tiraremos isto (ib.).

Posto que a differença de significação do vocabulo *porem* seja um dos caracteristicos entre a linguagem antiga e a moderna, cumpre notar que no antigo falar já podiam occorrer, de quando em quando, frases em que *porem* teria o sentido que se lhe dá hoje, como nestes exemplos:

Nom embargando esto que assi he dito... algũs *porem* teen oppenion que amballas cousas que dissemos... neeste feito concorerom (F. Lopes, D. J. 330) — Era hũu homem pequeno de corpo, de boas feições *poremde* (ib. 314).

Pois, depois — Da particula lãtina *post* procede a forma portugueza *pois*, usada a principio como adverbio e logo como conjunção. Ao adverbio simples não tardou a preferir-se a forma reforçada *depois* e tambem *despois*.

Existem comtudo na linguagem antiga exemplos da forma simples empregada com função adverbial e tendo o sentido de « mais tarde »:

Quando el esto ouvjo, sayo e foy-sse ao paaço. E *pois* achou eu filho com gram companhia de cavaleiros que vñham com elle do orneo (S. Graal 52) — E fez logo hũa promessa que em toda aquella lemanda nom comesse senam pam e agooa; e teve *pois* esta promessa muy bem (ib. 119) — Em tam foy a seu cavallo e cavalgou: leixou o cavaleyro e a donzella que bem fizeram *pois* quanto proñeterom (ib. 121) — Daquel cavaleyro e daquella donzella sayo *pois* icanor o grande, boo cavaleyro, que matou meragis (ib. 121).

Talvez — Antigamente, quando não havia plena certeza da veracidade de um facto, era costume inserir a ressalva *por ventura* na informação que a outrem se dava. Hoje damos preferencia a *talvez*, tendo-se perdido de todo o sentimento da accepção primitiva deste dizer. Não reparamos, sequer, na juxtaposição *tal vez*, com que se lenotaria, não a duvida por parte do individuo informante, mas um conceito de tempo referido ao verbo da oração.

Tal vez foi a principio, de facto, nada mais que um adverbio de tempo, significando « certa vez » « alguma vez », « uma vez por outra »:

Deus nosso Senhor no Testamento Velho commummente fallava por Anjos. Assim fallou a Abrahão, a Jacob, a Isaac e a outros. E *tal vez* fallou de hũa çarça, como a Moyses; *tal vez* de hũa tempestade como a Job (Vieira, Serm. 12, 75) — Daqui naceu o ditado los marcantes, que *tal vez* basta hum pão para fazer cem leguas, e *tal vez* para fazer huma legua não bastam cem pães (ib. 8, 176) — Muitas vezes passava os tres e os quatro dias, e *tal vez* a semana inteira, sem comer bocado (ib. 8, 184) — *Tal vez* convem a afabilidade com o amigo... e *tal vez* convem... mostrar-se austero ainda ao igual (Mello, Ap. Dial. 148) — *Tal vez* succede que a mãe ama com maior excesso o filho de que teve peyor parto (ib. 405) — Agora nos parecem altos montes, agora soberbos edificios; *tal vez* rios caudalosos, e *tal vez* fresquissimos arvoredos (ib.) — Algumas [testemunhas le vista] juraram que *tal vez*, dizendo-se missa, succedeu florecer a casula e o calix, com que o sacerdote a dizia (Bern. N. Flor. 2, 321) — Hião amontoados [os cadaveres] em grandes carroças... e pendurados braços, pés e cabeças, que *tal vez* se despedaçavão entre as rodas. Não havia mortalha bastante, e andavão estas ás rebatinhas. *Tal vez* se vio hũa criança ainda viva puxar pela teta da mãe já morta (ib. 3, 74).

Nos Sermões de Antonio Vieira ha muitos exemplos como os precedentes, mas tambem já apparecem

outros em que a expressão adverbial pode ser interpretada no sentido que se lhe dá hoje. Isto quer dizer que já então se vinha operando a evolução semantica. *Tal vez* referido, a principio, sómente á incerteza da epoca dos successos, passava a applicar-se á incerteza da realidade dos mesmos successos. Sem embargo desta evolução, perduraram ainda longo tempo reminiscencias do antigo uso.

No Caramuru de Santa Rita Durão (1781) depararam-se-nos os exemplos seguintes:

A lingua aprendem, recebendo alimentos commutados pelas especies que ao gentio vendem; *talvez* os tem co'a cithara encantados, *talvez* com cascaveis todos suspendem; mas o objecto que a vista mais lhe assombra é ver dentro do espelho a propria sombra (6, 67) — De ouro fino os cabellos pareciam... e uns dos outros *talvez* se dividiam, e outra vez um com outro se enredava (10, 3).

Embora — Posto que a instituição dos oraculos e agouros estivesse morta desde muito tempo, perdurou na era medieval, e ainda na idade moderna, a crença de que o exito dos actos humanos dependia da hora em que eram apprehendidos. D'ahi o costume de se accrescentar a frases optativas ou imperativas, por sinceridade, ou mera cortezia; a locução *em boa hora*. Se dominava a má vontade para com outrem, e convinha manifestal-a, recorria-se, pelo contrario, ao agouro *em hora má*.

Entre gente menos educada a necessidade de desabafar o malquerer era tão imperiosa como a de expressar desejos bons; e o frequente uso de *em hora má* na boca do povo teve por effeito não sómente conglumar-se a locução em um só vocabulo, mas ainda ficar este alterado e desbastado em *eramá*, *ieramá*, *aramá*, e transformado, até, em *amará*. Comedias e farças do seculo XVI consignam estes plebeismos. *Amara* (leia-se *amará*) occorre em Gil Vicente 3, 73 (2 vezes) e 3, 74.

O agouro benevolente enunciado pela formula *em boa hora* entende-se claramente de passos como os seguintes:

Vamos *em boa hora* nosso caminho (Zur., Guiné 337) — Que dissesse *em boa hora* o que lhe aprouvesse (ib. 186 — Venhaes *em boa hora*... e nam perdocis a minhas orelhas, porque já entendo ao que vindes; avezado sou a ouvir cousas que me dão pena (Arr. 555).

Fundiu o uso as tres palavras em uma só, *embora*, sendo adoptada sem o minimo escrupulo pela linguagem literaria. Deixando em silencio, por desnecessarios, outros muitos exemplos de escriptores antigos e modernos, mencionarei apenas isto de Vieira: *Vay-te embora, ou na má hora* (Serm. 1, 208).

Tornou-se usual acompanhar a forma imperativa de *ir* e *vir* dos votos de bom exito. Esta noção, comprehendida no adverbio *embora*, desluziu-se da consciencia hodierna, que confusamente descarrega nelle o conceito de «afastamento», como se os verbos não dissessem já a mesma cousa. Com este criterio, e desconhecendo-se o sentido que outrora teve o adverbio *embora*, torna-se intelligivel o seu emprego junto a verbos que denotam repouso, v. g. em Vieira, Serm. 11, 422:

Queria Christo introduzir o Sacramento, e lançar fora o cordeiro da Ley, e para isso permittio que o cordeiro estivesse *embora* na mesma mesa com o Sacramento: que desta maneira se desterram com suavidade as sombras das leys velhas... Estejão agora juntos o Sacramento e o Cordeiro, que amanhã irá fora o cordeiro, e ficará o Sacramento.

Não se usou este adverbio sómente para augurar bem ou desejar hora propicia ás empresas humanas. Introduziu-se tambem em orações optativas e outras para denotar que se concede a possibilidade do facto, ou que o individuo que fala não se oppõe ao seu cumprimento. Da alteração semantica dão testemunho os seguintes passos:

Ria *embora* quem quizer, que eu em meu siso estou (G. Vic.) — Respondeu por vezes que morressem *muito embora*, que melhor era morrerem cá que no sertão, porque morriam baptizados (Vieira, Cart. 1, 118) — O que está mais longe perca-se *embora* (ib. 1, 463) — As promessas do premio dilatem-se *embora* (Vieira, Serm. 2, 395) — Honrem-se *embora* com essas arvores os seus montes, que os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação (ib. 5, 360) — Mate-me *embora*, contanto que seja imperador (ib. 5, 466) — Mas Francisco Xavier, venha-lhe *embora* a tentação dormindo, que dormindo e acordado, sempre está seguro (ib. 8, 104).

Desta pratica veio o transformar-se, em port. hod., o adverbio *embora* em conjunção concessiva, mudando-se naturalmente a contextura das orações. A principal pas-

sou a servir de subordinada, e a correlata despe-se da particula *que*, convertendo-se em principal, dizendo-se v. g.: *embora honrem essas arvores os seus montes, os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação.* Em Filinto Elysio 14, XIX já se encontra: *embora cumpra o traductor com esses tres deveres.*

Adverbios extintos

Alguns adverbios do falar antigo cahiram em desuso, acabando por ficarem de todo esquecidos, em virtude da concorrência triumphadora de outros dizeres de significação equivalente.

Suso, a suso; a juso*) — Correspondiam os dous primeiros ás modernas dicções *acima, para cima*, ao passo que o terceiro exprimia a noção opposta de *abaixo*:

De X maravedis *a ssuso* dem 1 maravedi, e de X maravedis a *iuso*, dem meio maravedi. (Foros de Santarem 1179, ap. Port. Mon. Hist. L. et Cons. 404) — Aquel de que *suso* falamos (S. Josaph. 40). — Depártiam todas aquestas decimas e todas aquestas outras cousas, assi como *suso* é nomeado. (Tesiam. de Aff. II, 1. c. 16).

Estas expressões eram geralmente usadas na primeira phase do port. ant., mas ao mesmo tempo já se iam insinuando na linguagem *a cima* e *em fundo* para supplantal-as de todo mais tarde:

De dez maravedis *a cima* dem huum maravedi, e de dez maravedis *a iuso* meyo maravedi. (Foros de Beja, ap. 1. c. 641) — Pagem os direitos reaes... como *em fundo* som scritos (ib. 610).

A fundo, em fundo — O periodo aureo do dominio das locuções adverbias formadas com o substantivo *fundo* estende-se do seculo XIV ao seculo XV:

O lobo da parte cima, e o cordeyro... da parte de *fundo* (L. de Esopo 10) — A rrã tirava *pera fundo*... e ho rrato tirava *pera cima* (ib. 11) — Vjrom vyr huũ cavalleiro *por fundo* da ribeyra (S. Graal 15) — Deçeo *afundo* e cavallgou (F. Lopes, D. J. 23) — Como o Bispo de Lixboa e outros forõ mortos e lançados da torre da See

*) De *juso* conservamos ainda o derivado *jusante*, que significa «baixa-mar».

afundo (ib. 23) — Que tardada he essa que vos la fazees, que nõ deitaees esse treedor *afundo*? (ib. 25) — Sahiu Nun Alvarez a folgar pela praya *afundo* (ib. 63).

Posto que andasse em uso a palavra *baixo* e o seu derivado *abaixar* (*encobrirom-se os de cavallo e os de pec em luũ baixo*, F. Lopes, D. J. 170; *abaixarom as lamças*, ib. 159), as locuções *em baixo*, *para baixo*, servindo de adverbios eram em todo o caso no seculo XV ainda metaphoras arrojadas que vinham apparecendo rara e furtivamente.

Entre numerosos exemplos de *a fundo* do Livro Vermelho de D. Affonso V (Coll. de Ined.), depara-se-nos um de *abaixo* a pag. 477. Fernão Lopes, D. João, pag. 16, arrisca o adverbio *embaixo*, voltando porem logo ao *em fundo*:

E corremdo assi com grande prazer, descoseo o vento os sinaes de Portugall que hiam *em baixo* e ficaram pendurados... E disserom a ElRei que nom era bem de os sinaes de Portugall andarem assi *em fundo*.

Dos quinhentistas em diante, em vez de *em fundo*, *a fundo*, etc., não se diz senão *embaixo*, *abaixo*, etc.

Acima, em cima — Se consideramos sómente o conceito de lugar superior, que ainda hoje denotam, evidentemente não devem figurar estes adverbios na lista das dicções cahidas em desuso. Mas o substantivo *cima* se usou, durante algum tempo, para significar a parte terminal de alguma cousa não sómente no sentido da altura, mas ainda no sentido do comprimento, designava fim, termo em geral. Assim *dar cima* ou *cimar* = *dar fim*, *pôr termo*: *E lhe fezesse dar boa cima ao que começara* (S. Josaph., 18); *este he o que ha de dar cima aas aventuras* (S. Graal, 11); *e jará ainda hi tres annos, ante que cime sua pendenza* (ib. 136). Daqui veio a applicação secundaria, hoje desconhecida, do adverbio e locuções prepositivas, em que *cima* equivale a *fim*:

E por esto soffeo tanto que *aa cima* foi vencido (S. Graal, 103) — Depois que se conhecerom, forom muy ledos e *aa cima* acordarom-se que se nom partissom (ib. 88) — Matou Meragis... assi como este conto devisará (= explicará) *em cima* do nosso livro (ib. 121).

Toste — Chegado ao francez *tôt*, pelo seu aspecto phonetico, usou-se todavia com accepção differente. *Toste* em nosso idioma queria dizer *de pressa*:

Quando virom hir tristam assi fazendo tam gram doo e hir tam *toste*, como se corresse em pos elle (S. Graal, 72) — Entam caeu el rei em terra, er levantou-se o mais *toste* que pode (ib. 81) — Começou-se de hir tam *toste* que nom ha beesta no mundo que a alcancar podesse (ib. 83).

Asinha — De mais vitalidade que o termo precedente, que desapareceu da linguagem no proprio port. ant., est'outro synonymo de *de pressa* occorre com grande frequencia ainda na linguagem dos quinhentistas:

Nunca me pareceo quando vos tinha que vos visse mudadas tão *asinha* em tão compridos annos de tormento (Cam., Son.) — Começou ho governador de fazer a fortaleza de pedra e barro pola acabar mais *asinha* (Castanh., 4, 43) — Quam *asinha* elles e ellas feneccem (H. Pinto, 2, 240).

Estomce — Não se generalizou o uso deste adverbio no port. ant. Occorre frequentemente em concomitancia com *entom* em F. Lopes:

Entrarom *estomce* quantos quizerom (F. Lopes, D. J. 24) — Per ventura *estomce* ou depois (ib. 16) — E falladas *estomce* muitas rrazões (ib. 368) — Contra este nom seemdo ingrata, o promoveo *estomce* a alteza de grande e homroso officio (ib. 373).

Samicas (= talvez), **cajuso** (= por acaso), **a fôr** (= á moda) e outras dicções de que temos noticia pelas obras de Gil Vicente, pertencem á linguagem plebéa ou provincial, e como taes não tiveram entrada na linguagem culta dos escriptores.

Deshi — Como synonymo de *depois* e alternando com este termo, se usou em port. ant. o adverbio *desi* (graphado tambem *deshi* e *dessi*), resultante da combinação da preposição *des* com o adverbio *i* (*hi* ou *ahi*). Encontra-se ainda com frequencia em João de Barros e Heitor Pinto.

E ferio aquel meo filho... E depois ao outro, *dessi* ao terceyro. *dessi* ao quarto, *dessi* ao quinto (S. Graal, 67) — Elle partio pera Estremoz, e *desi* pera Evora, e depois pera Monte Moor (F. Lopes, D. J. 162) — Mandou lançar em cada huã seu harpeo e *deshi* começou de ferir nos Gigantes (Barros, Clar. 2, 26).